

A PROPOSTA METODOLÓGICA DAS SOCIOLOGIAS "ALTERNATIVAS".

Célia Maria Leal Braga

RESUMO

Trata-se, inicialmente, de uma análise da contraposição existente entre os posicionamentos metodológicos das Sociologias Positivas e Compreensiva. Em seguida, há uma localização específica no posicionamento das chamadas "Sociologias Alternativas", onde se procura destacar as contribuições mais modernas da Sociologia Compreensiva, com ênfase no Interacionismo Simbólico e na Etnometodologia.

O método é aqui entendido como o caminho percorrido pelo investigador, tendo como ponto de partida a teoria e como objetivo a captação da realidade. No caso da Sociologia é a realidade social que está em questão. Ao percorrer este caminho, o cientista social procura fazer uso das técnicas que parecem mais adequadas para a realização de sua tarefa de explicar e compreender aquela realidade. Os resultados obtidos vão realimentar a teoria que lhe serviu de fonte de inspiração.

O posicionamento metodológico aqui proposto está fundamentado nas proposições das chamadas So-
Comunicação apresentada no 6º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Nova Friburgo - Rio de Janeiro - 20 a 22 de outubro de 1982.

ciologias "alternativas" ou "criativas".

Para uma melhor compreensão do mesmo, convém que se tome como ponto de partida a velha polêmica existente entre positivistas e culturalistas. Enquanto os primeiros admitem que a utilização dos mesmos procedimentos metodológicos das Ciências Naturais é a única forma das Ciências Sociais atingirem a condição de ciência, os culturalistas questionam esta possibilidade, admitindo que o estudo do comportamento humano exige uma outra dimensão que é a da compreensão, somente, alcançada através de procedimentos diferentes daqueles utilizados pelas Ciências Naturais. Enquanto os objetos naturais têm apenas um substrato, que precisa ser explicado, os objetos culturais têm, além deste substrato, um sentido, um significado que só pode ser apanhado através da compreensão.

Para os positivistas ou naturalistas a objetividade tem que ser a meta perseguida por qualquer ciência e, para alcançá-la, o cientista tem que observar os fatos, agrupá-los em categorias e proceder uma rigorosa análise estatística dos mesmos, a fim de que possa estabelecer as relações de causalidade, única forma de se conferir a uma análise o rótulo de científica. Seria, assim, a busca das uniformidades que comandaria qualquer análise científica, mesmo que se tenha a realidade social como base de estudo.

As dificuldades encontradas pelos cientistas sociais, no sentido de alcançar um maior rigor científico, seriam decorrentes apenas da Sociologia ser uma ciência nova e não dispôr ainda dos recursos metodológicos necessários.

Em posição oposta estão os culturalistas, quando afirmam que o comportamento dos seres humanos e a ação social não podem ser entendidos como simples respostas à estímulos, uma vez que não só o significado implícito nesta ação tem que ser levado em conta, como também devem ser consideradas as situações em que se efetivam e o comportamento dos demais participantes da ação.

Os mais extremados adeptos do enfoque positivista, como é o caso de G. Lundberg, chegaram a Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

admitir que fatos como uma folha voando, carregada pela força de uma rajada de vento ou um homem correndo à frente de uma multidão enfurecida podiam ser explicados através dos mesmos princípios pois, em ambos os casos, o que estava em questão era o comportamento de objetos com características especificadas, reagindo a determinados estímulos, dentro de campos de forças igualmente específicos.

Esta polêmica que contrapunha o homem subjetivo à realidade objetiva se arrastou por muito tempo, até quando Marx e Weber tentaram evidenciar a relação existente entre os dois elementos e, até mesmo depois, considerando que as divergências metodológicas se mantiveram, ainda que situadas em outro nível. Haveria agora os que se propunham a entender a realidade social na sua dimensão total, uma dimensão macro-estrutural, como na proposta marxista e, por outro lado, havia os que voltavam suas preocupações para uma investigação mais comprometida com microanálises da realidade social. Entre estes últimos estão os adeptos das chamadas Sociologias "alternativas" que, mesmo optando pela proposta culturalista, têm a peculiaridade de uma inspiração fenomenológica, admitindo a idéia de que para compreender o que está acontecendo nas situações sociais é necessário que se procure perceber tais situações mais do ponto de vista daqueles que são objeto da nossa investigação, do que a partir da interpretação que o investigador faz da realidade estudada. Tal posicionamento conduz o investigador a exibir o discurso do informante como peça básica do estudo, colocá-la dentro de um esquema macro-estrutural de interpretação e, a partir daí, superpôr a análise resultante da observação por ele efetivada.

Embora as diferentes "alternativas" tenham marcas de peculiaridade, todas elas se encontram, na medida em que se afastam dos mecanismos rígidos do positivismo, dos recursos de uma análise estatística, que trabalha apenas com atributos, para tentar buscar a dinâmica da ação social e os significados veiculados pelos participantes desta mesma ação.

Para que melhor se possa apreciar a contribuição destas linhas de análise sociológica, parece *Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985*

indispensável um registro especial ao trabalho realizado por Alfred Schutz. A Sociologia de Schutz pode ser tomada como ponto de partida ou de convergência das Sociologias "alternativas", uma vez que, tanto mergulha retrospectivamente, na fenomenologia de Husserl, na Sociologia de Weber e no Interacionismo de Mead, como se projeta em propostas posteriores, como da nova concepção da Sociologia do Conhecimento de Berger e Luckmann, da dramaturgia de Goffman, da perspectiva humana da Sociologia de Severyn Bruyn, da Etnometodologia de Garfinkel, Cicourel, Hugh Mehan etc ou mesmo em outros posicionamentos.

Para entender a influência da fenomenologia de Husserl na obra de Schutz há, em primeiro lugar, que se considerar a obra de Husserl dividida em quatro períodos: o período pré-fenomenológico (1887-1900); o período em que a Fenomenologia se limitava a um empreendimento epistemológico (1901-1906); o período da Fenomenologia pura, durante o qual elaborou novas formas do transcendentalismo e do realismo (1907-1928); e o período do chamado *Lebenswelt* (1929-1938), no qual a tese central do seu trabalho é a ênfase na própria experiência vivida pelo indivíduo (aquilo que foi chamado de experiência do mundo da vida), em lugar da ênfase ser na interpretação que o cientista faz desta experiência, desta realidade.

Husserl, no entanto, não chegou a esclarecer com precisão, como esta sua nova concepção poderia ser utilizada para uma análise científica da realidade social.

É possível se reiterar que as diferentes propostas das Sociologias "alternativas", ainda que seguindo caminhos peculiares, estão plantadas nestas mesmas raízes metodológicas, isto é, na tentativa de reconstruir os caminhos percorridos pelos seres humanos, na vida diária, através da intuição do que as pessoas fazem e como o fazem, ainda que possam, e, às vezes até devam, se valer das análises de outros posicionamentos metodológicos. Esta, sem dúvida, não é uma tarefa fácil, sobretudo quando se atenta para o fato de que a proposta da Fenomenologia. *Universitas. Cultura. Salvador. (33): 21-40, jul./set. 1985*

gia é revelar a essência do fenômeno. Na fenomenologia de Husserl, tudo que é "dado por suposto", todos os fatos considerados como inquestionáveis, deveriam ser colocados de lado, na tentativa de captar o verdadeiro significado do fenômeno. É este mecanismo que é chamado de "redução fenomenológica", "epoché" ou referido como "colocar entre parênteses".

O ser humano vive em um mundo de coisas, atividades, instituições etc., que ele aceita sem questionar, pois nasce nele como ele existe. O ser humano aceita este mundo ingenuamente, em "atitude natural". A Fenomenologia propõe que se assuma o lugar do outro e que se use a livre imaginação. Em seguida, uma redução, em nível mais alto de abstração, levaria o cientista a ver o fenômeno, não só do ponto de vista do investigador, mas de quem quer alcançar um significado geral que este fenômeno possa ter para os seres humanos para, finalmente, encontrar a própria essência do fenômeno.

Husserl admitiu que colocar a existência entre parênteses, suspender a crença na existência, não significa que o fenomenólogo não se interesse pelo que é observado, mas sim que aquilo que é "dado por suposto" terá que ser captado na totalidade do seu significado. Admitiu, em acréscimo, que os objetos não são intrinsecamente significativos, e sim que há uma intencionalidade, isto é, que este significado é um significado para uma pessoa.

Schutz, inspirado na fenomenologia do "ser no mundo" de Husserl, sugeriu uma redução que, em lugar de suspender a crença na realidade do mundo, como recurso capaz de superar a "atitude natural" (vida diária) e captar a essência do fenômeno, que suspenda a dúvida de que o mundo e seus objetos sejam diferentes do que aparentam ser. Schutz faz a redução da própria "atitude natural".

Ao lado disto, se inspira também em Max Weber e tenta mostrar como os cientistas sociais não podem se afastar de um posicionamento metodológico como o da compreensão weberiana e da sua forma de interpretar a ação social. Esta adesão implicaria, certamente, em um afastamento de qualquer proposta que

insinuasse que, à semelhança dos objetos naturais, o comportamento humano poderia ter sua análise esgotada através de relações de causalidade. A explicação precisaria ser complementada pela compreensão do significado, do sentido do fenômeno, da ação.

Schutz mergulhou ainda na proposta do Intercionismo de George Herbert Mead, admitindo que o ser humano está sempre em interação com o outro. Mead diagnosticou a filosofia tradicional como distanciada e até isolada da prática da ciência e do mundo dos problemas práticos. Na filosofia tradicional a única base para certo conhecimento era duvidar do mundo e voltar a análise para a experiência subjetiva. Enquanto isto, a filosofia pragmática como proposta por Mead, admitia a existência do mundo e dava a este a prioridade sobre a experiência subjetiva. As experiências da existência, admitia Mead, devem ser explicadas, pois é delas que nascem as subjetivas. Admitiu ainda que o significado e a consciência deste significado emergem do comportamento objetivo e propôs uma análise filosófica que tivesse condições de suportar as questões sociais práticas.

O interacionismo de Mead foi retomado por Herbert Blumer, dando a ele uma maior consistência e tornando-o ainda mais compatível com a proposta de Schutz, quando insinuava uma análise da realidade social que não se distanciasse de uma preocupação, de uma fundamentação filosófica. As premissas básicas da proposta de Blumer podem ser assim colocadas:

1. Os indivíduos agem com relação aos objetos, instituições ou a outros indivíduos, com base no significado que estes têm para eles.

2. Estes significados nascem na ou são derivados da interação social.

3. Estes significados são mantidos ou modificados através de um processo interpretativo, desenvolvido pelas pessoas, com relação aos objetos com os quais entram em contacto.

A proposta de Schutz, além de chegar à Sociologia através de uma inspiração fenomenológica, de uma fundamentação na Sociologia weberiana e de um apoio nas proposições interacionistas de Mead e Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

Blumer, sugere ao investigador uma nova dimensão, quando acrescenta a idéia de que para melhor captar o significado do comportamento humano devemos tentar acompanhar os "projetos de vida" dos atores que participam da ação que estamos analisando. É aquela idéia de que todo ser humano elabora um "personagem antecipado" que representa aquilo que ele gostaria de ser e passa a viver, buscando alcançar este objetivo. É certo que tal personagem se configura dentro de um quadro em que as circunstâncias da existência de cada um são levadas em consideração, mas também onde a fantasia e o sonho ou outras realidades interpenetram a realidade, chegando a desconhecer os limites, as barreiras que esta realidade impõe a cada um.

Por isto mesmo, os projetos individuais são constantemente reformulados, ora se enriquecendo, aumentando a sua complexidade, ora esvaziando o seu conteúdo significativo. Ao formular e ao reformular os projetos de vida, os indivíduos levam em consideração, segundo Schutz, os motivos "para que" e os motivos "por que". Os primeiros estão voltados para o futuro e se definem como o estado de coisas ou o objetivo que se quer alcançar, mediante a ação de desenvolvida. É o motivo que se tem para empreender uma ação, na tentativa de realização do seu projeto. Os motivos "por que" estão vinculados ao passado e se referem às experiências vividas pelos indivíduos e que podem ter alguma influência na sua forma de atuação, no seu desempenho, no próprio projeto de ação.

Foi a riqueza da proposta de Schutz, que está aqui de forma extremamente simplificada, mais como uma sugestão para aprofundamento, que permitiu a muitos dos que hoje procuram levar adiante uma postura alternativa para a análise da realidade social, realizarem suas investigações, fugindo das amarras da quantificação, sem que isto impedisse o investigador de colocar os achados empíricos, resultantes de suas análises micro-estruturais, tal como emergem nos registros feitos pelo senso comum, dentro de uma perspectiva macro-estrutural de compreensão da mesma realidade social.

Schutz considera a realidade social como uma construção e, por isto mesmo, admite que as construções do senso comum são consideradas como de 1º grau, porque feitas a partir da própria realidade, enquanto que as do cientista social, quando interpretando o que foi dito pelos seus informantes, são construções de 2º grau, porque construções feitas a partir daquelas dos atores da ação.

A idéia da realidade social como construída pelos atores de uma ação social, confere à análise sociológica uma dinâmica capaz de apanhar melhor a forma pela qual os projetos de vida destes participantes podem se interpenetrar, levando-os à constantes modificações dos mesmos. Dentro desta concepção, liberdade civil, controle social e comportamento efetivo seriam elos de uma mesma corrente e a conexão entre estes elos teria sua compreensão facilitada se acompanhássemos o raciocínio de Peter Berger e Thomas Luckmann, como registrado na "Construção social da realidade". Para eles a realidade social é uma construção feita pelos próprios indivíduos em sociedade, construção esta que passa por três momentos significativos: a externalização, a objetivação e a internalização.

"A externalização é considerada como uma necessidade antropológica. O homem nasce inconcluso e vai, aos poucos, se completando. O seu mundo é aberto e feito por ele próprio. Por outro lado, no processo de construção do seu mundo, o homem, por sua própria iniciativa, canaliza os seus impulsos, tentando lograr sua estabilidade e constitui o mundo da cultura.

Pela objetivação a cultura é transformada em realidade, na medida em que o homem atua em grupo.

Enquanto isto, a internalização é vista como a reapropriação desta mesma realidade e subseqüente transformação das estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva"(1)

Berger e Luckmann foram alunos de Schutz e procuraram tomar as idéias básicas do mestre, trabalhando-as na análise do processo de institucionalização. É fácil perceber, jogando com os elementos Universitas. Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

trabalhados pelos três, como o processo de construção da realidade social contem a noção de que os projetos de vida podem ser modificados no decorrer da ação, porque carregam "horizontes vazios", que podem ser preenchidos, na medida em que as opções, frente às possibilidades de escolha da vida, são feitas mas, ao mesmo tempo, na medida em que se processa o condicionamento existencial de quem projeta.

Assim, é no apanhar a intersubjetividade, no definir as relações entre os sujeitos que participam da ação, que se pode pensar em objetividade nas ciências sociais.

A proposta de Schutz marcou, ainda que não explicitamente, o enfoque de E. Goffman, sobretudo quando analisa o problema das "instituições totais", do estigma ou quando admite os atores que participam de uma ação social como se estivessem desempenhando papéis em um teatro. Como interacionista, sempre acreditou que o estudo da ação social está essencialmente relacionado com o próprio ponto de vista do ator. Ao pesquisador cabe, em princípio, segundo Goffman, ver o que o ator percebe, interpreta e julga, tentando acompanhar, a linha de conduta deste ator, para verificar de que maneira ele se organiza. Como a fenomenologia, o interacionismo tem como preocupação central os significados que os atores atribuem aos fatos. Goffman não escapa a esta perspectiva e percebe o mundo da vida diária como semelhante a um palco e dá toda uma interpretação do desempenho dos atores. Para apoiar este enfoque trabalha com conceitos como os de cenário (suporte da ação), fachada (equipamento expressivo) realização dramática, idealização, representação falsa, mistificação etc.

Outra análise sociológica alternativa é a de Severyn Bruyn, a chamada perspectiva humana da Sociologia. Sua preocupação é especialmente voltada para evidenciar as desvantagens de se proceder, em uma investigação sociológica, como fazem os empiristas puros, que se apoiam apenas nas relações de causalidade, e sim procurando, além de reunir dados para fazer generalizações, quando isto for possível e necessário. *Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985*

cessário, analisar a vida diária, tentando conhecer os seus significados e os seus conteúdos.

S. Bruyn admite que os conceitos "sensibilizadores" - aqueles que trabalham com os significados - são muito mais importantes para a análise sociológica do que os conceitos "operacionais" - aqueles que trabalham com as definições e com a mensuração-.

Em sua proposta S. Bruyn, citando H. Spiegelberg, registra sete etapas que compõem uma forma coerente de abordagem da ação humana. São elas:

1. Investigar fenômenos particulares.
2. Investigar essências gerais.
3. Apreciar as relações essenciais entre as essências.
4. Observar as formas de surgimento.
5. Observar a constituição dos fenômenos na consciência.
6. Suspender a crença na exatidão dos fenômenos.
7. Interpretar os significados dos fenômenos"(2)

A primeira etapa pressupõe uma captação intuitiva dos fenômenos, seu exame analítico e sua descrição. Na segunda, o investigador teria que ordenar os fenômenos particulares, de acordo com suas semelhanças, e interpretar intuitivamente o que constitui a essência conjunta. Na terceira etapa, tenta mostrar a inconveniência de examinar essências isoladas, porque elas podem apresentar relações que são também essenciais. Já na quarta etapa, o pesquisador como que procura ver as partes como uma concepção prévia do todo. Na quinta etapa, ele deve procurar entender o processo de elaboração, de construção dos fenômenos na consciência dos atores. Na sexta, a mais difícil de ser posta em prática, o importante é distanciar os fenômenos de nossa experiência cotidiana, a partir do contexto de nossa "atitude natural", tentando conservar seu conteúdo o mais completo e puro que seja possível.

Finalmente, na sétima etapa, o investigador teria que ir buscar as relações entre as concepções ontológicas, os projetos existenciais e os significados da vida comum, da *Universitas.Cultura*. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

da real.

Outra contribuição muito importante de Seve-
ryn Bruyn para a investigação sociológica é aquela
relativa à questão da observação, sobretudo da ob-
servação participante. Esta é vista não apenas na-
quele seu sentido mais abrangente da participação
plena. Propõe gradações que vão do "participante to-
tal" o "observador total", tendo como categorias in-
termediárias o "observador como participante" e o
"participante como observador". As posições polares
são de fácil definição, mas as intermediárias, que
são excelentes como recurso de trabalho podem ser en-
tendidas, a primeira - "o observador como participan-
te" - como aquele que tem suas atividades e inten-
ções conhecidas pelos participantes do grupo estudado
mas, ao mesmo tempo, a sensibilidade capaz de lhe
permitir recolher informações e opiniões, tanto co-
mo observar atitudes significativas e condicionado-
ras do comportamento dos atores.

O "participante como observador" é aquele que
se vale de uma situação que está sendo vivida para
se colocar como um observador que pretende coletar
dados para uma análise posterior.

Por outro lado, S. Bruyn mostrou sempre uma
preocupação de chamar a atenção de que o observador
não deve reaar apresentar um estilo diferente da-
quele que é tradicionalmente considerado como uma
linguagem própria do cientista. A linguagem que ex-
pressa o comportamento humano deve estar livre da-
quelas amarras impostas por quem estuda o mundo
social como o mundo dos sentidos, pois este
é um mundo dos significados. Portanto, quando
se procede a análise de um problema, consi-
derando, essencialmente, a perspectiva dos ato-
res, há que se admitir que esta é uma pers-
pectiva humana e, como tal, pode ser realista, fá-
tica, poética, lírica, satírica, trágica etc. mas,
de qualquer sorte, existencial. E, neste caso, nada
melhor para captá-la do que o seu registro, guarda-
do o estilo que retrata o indivíduo tal como ele
próprio admite ser. Se os atores têm uma perspecti-
va poética ou lírica do mundo; se os seus discursos
são satíricos ou trágicos, não há porque não se in-
Universitas. Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

corporar à narrativa a linguagem por eles utilizada. Os recursos que levam à fidelidade ao estilo e à linguagem darão mais força à narrativa e permitirão revelar melhor a plenitude do significado do humano e da vida em sociedade.

Não se pode deixar de registrar, tratando de uma referência a S. Bruyn, o que ele sugere como momentos vividos pelo investigador, no decorrer de um trabalho. O investigador vai sendo percebido pelos atores: inicialmente como um "visitante" ou "recém-chegado"; em seguida, passado aquele primeiro período de desconfiança e receio, ele vai se insinuando ao grupo e passa a ser visto como "membro provisório", mesmo que ser membro do grupo aqui não signifique viver a mesma situação, partilhar dos mesmos valores mas, de qualquer sorte, é alguém que se liga ao grupo por um interesse definido ou, quem sabe, um interesse indefinido; depois o investigador como que se incorpora ao grupo como um "membro personalizado". Suas preocupações e interesses são compreendidos, mesmo sabendo que é alguém que está fora do grupo; é possível que em determinadas situações o investigador estabeleça relações tão estreitas com o grupo que passa a ser considerado como um "membro efetivo". E quando a investigação vai chegando ao fim, quando as situações de encontro vão se espaçando, os atores passam a perceber o investigador como um "emigrante eminente". É que ele vai se afastando do grupo e o registro é feito pelos seus participantes. É preciso que o pesquisador esteja ciente destas diferentes situações, a fim de que possa vivenciá-las de modo adequado e sem gerar choques no curso do trabalho.

São muitas as propostas "alternativas" ou "criativas" para análise sociológica e não cabe aqui uma relação exaustiva destes enfoques, mas alguns deles não podem ser esquecidos, mesmo que para uma referência sintética, como se vem fazendo. As chamadas Sociologias do "absurdo" são também incluídas entre as análises alternativas. Os adeptos deste enfoque usam o modelo do jogo como base para a análise, pois consideram que a vida, à semelhança do jogo, é uma seqüência de episódios e que o conflito é de

Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

extrema importância na definição de toda ação social. Ainda que permita compreender certas situações de conflito dentro da sociedade, a comparação da vida com o jogo deixa a desejar, na medida em que se considera que, enquanto o jogo é um episódio encapsulado, onde os participantes, se identificados como falsários, são postos para fora do jogo, a vida é um episódio aberto, onde a improvisação e até a falsificação ou quebra das regras não o colocam para fora. Pode criar situações de desvantagem para o "desviante", mas pode até privilegiá-lo.

A Etnometodologia é um outro enfoque que recebe influência da Fenomenologia, do Interacionismo e que caminha no sentido de ver a importância da linguagem para a compreensão do social, considerando que as palavras são como "miniaturas da ação". É uma tentativa de analisar o social dentro de uma perspectiva filosófica (fenomenológica), vendo o senso comum como um conjunto de pressupostos filosóficos bem definidos. Entretanto, convém ressaltar que, enquanto a Fenomenologia trabalha com as estruturas de significado, a Etnometodologia trabalha com os métodos através dos quais estas estruturas se tornam significativas e exibem suas características específicas; enquanto a Fenomenologia põe entre parênteses a crença no mundo objetivo, a Etnometodologia põe, ao contrário, a dúvida neste mundo e, neste ponto tem a marca dos achados de A. Schutz e semelhança com a posição dos interacionistas.

Na Etnometodologia a sociedade é descoberta como construída pelas atividades dos seus atores, pelas práticas e atividades diárias dos participantes da ação. As regras e as normas interessam aos etnometodólogos não como fonte de manutenção da ordem, não como imperativos, mas como sugestões, para o comportamento efetivo. Eles procuram tomar o que é "dado por suposto" como fonte de análise. O etnometodólogo quer ouvir falar para captar o que as pessoas pensam sobre suas próprias ações; quer identificar os meios pelos quais os registros são feitos e como as decisões são tomadas; quer observar a maneira pela qual o "background" de expectativas é utilizado como esquema de interpretação e, conseqüente

mente, se os registros são manipulados por tais expectativas. Para isto, o pesquisador tem que tentar captar o mundo do ponto de vista do ator, daí que os dados novos que surgem nas situações sejam mais importantes do que os que têm a sua continuidade garantida, pois estes são facilmente identificados. Os recursos de análise não podem ser confundidos com os tópicos de análise.

São muitos os etnometodólogos que se espalham hoje por diferentes pontos do mundo. Entretanto, vamos tomar apenas três deles para um registro sintético, uma pincelada mesmo, sobre o trabalho que vêm fazendo na Universidade da Califórnia - Estados Unidos.

H. Garfinkel, o criador do termo, está em Los Angeles e Aaron Cicourel e Hugh Meham estão em San Diego.

Garfinkel fez uma série de experimentos, baseados nas propostas da Etnometodologia, tendo como objetivo fundamental mostrar as propriedades racionais das chamadas expressões "indexicais", isto é, mostrar como a situação em que a comunicação, a interação se efetivam é importante para a interpretação dos significados. Os relatos feitos pelos indivíduos são ricos de expressões que, muitas vezes, só podem ser compreendidos quando situados no contexto de que é parte integrante.

Cicourel, que hoje tem suas preocupações metodológicas bem mais voltadas para a sócio-lingüística, sugere que se evite as descrições interpretativas do comportamento e que se procure registrar os relatos dos atores para, em seguida, ajustá-los a uma teoria. Identifica as "surface norms", que são regras supostamente impostas por uma ordem, e as "basic norms", que são os recursos utilizados pelos atores sociais e que vão gerar, dar origem à própria realidade social.

Como se pode perceber, a norma para ele não é imperativo, e sim um ponto de partida, uma sugestão para a conduta efetiva.

Um outro etnometodólogo que trabalhou muito a partir das proposições iniciais de Garfinkel e Cicourel é Hugh Meham. Juntamente com Houston Wood, Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

em "The reality of Ethnomethodology", retoma a proposta de Schutz sobre as realidades múltiplas e a trabalha de forma bastante objetiva. Admitindo que a realidade social é bastante complexa e que a realidade científica é apenas um dos seus aspectos, Me han e Wood propõem a Etnometodologia como uma atividade científica que trata o próprio significado como um fenômeno e tentam mostrar como, assim, a realidade social pode ser analisada sob diferentes perspectivas. Pode, por exemplo, ser vista como uma atividade reflexiva, quando se compara situações vistas pelos cientistas como simples tabus, mas que fazem parte integrante de uma realidade. Para ilustrar sua observação os autores citam o caso dos Azande de que, por acreditarem em oráculos, quando desejam tomar qualquer decisão utilizam uma substância retirada da casca de uma árvore e dão a uma galinha, formulando a pergunta que desejam, tendo antes estabelecido se a morte do animal representa uma resposta positiva ou negativa. Acontece que a substância em questão tem um veneno que provoca a morte do animal. Os Azande, no entanto, não têm conhecimento disto e acreditam que a resposta vem sempre dos oráculos. Assim, "reflexivamente", todos os acontecimentos se tornam evidentes, através desta crença, para os componentes do grupo.

Por outro lado, a realidade social pode se apresentar como um corpo de conhecimento coerente. É o caso, por exemplo, do conhecimento que um viciado em drogas tem sobre estas substâncias, quando contrastado com aquele conhecimento que um químico tem das mesmas substâncias. Se este é um conhecimento científico das drogas, o primeiro é um aspecto da realidade e, portanto, objeto de estudo do cientista social.

É possível ainda que se tome a realidade social como uma atividade interativa, isto é, como resultante de um processo de interação, durante o qual podem ocorrer os mais diversos fatos, inclusive que os indivíduos sejam rotulados pelos outros, como acontece no caso dos "desviantes" que acabam tendo que assumir papéis correspondentes aos rótulos que lhes são atribuídos.

A realidade social também é vista por Mehan e Wood como frágil, porque pode facilmente se dissolver, sobretudo naquela realidade em que as regras não são explícitas. É vista ainda como permeável, porque, pode se deixar penetrar por outras realidades e até dar lugar a uma outra realidade.

São muitos os estudos feitos atualmente pelos etnometodólogos e o que é importante é que tais estudos não implicam na negação de técnicas já existentes ou da possibilidade de utilização de esquemas teóricos com uma perspectiva macro-estrutural. A recomendação feita pelos etnometodólogos é que se dê todo destaque à aplicação das técnicas, mais até do que aquela que também deve ser dada à elaboração destes instrumentos de coleta de dados. O desenho, a história de vida, a entrevista, os relatos etc. são relevantes para o desempenho desta proposta.

Antes de concluir este trabalho vale ressaltar um outro posicionamento que, mesmo não sendo de um sociólogo e sim de um teórico da Ciência do Direito, tem estreita relação com as propostas das Sociologias "alternativas". Trata-se da Teoria Ecológica, do argentino Carlos Cossio, que, antes de mais nada, se aproxima das Sociologias "alternativas" pela sua inspiração fenomenológica.

Cossio admite que o projeto de qualquer indivíduo é sempre formulado no plano da autonomia, isto é, no plano da realidade substantiva da vida individual, mas só tem viabilidade no plano de interferência do outro, onde há dependência das leis externas de conduta. No plano da autonomia o indivíduo procura segurança, paz e solidariedade. Não encontrando tais valores em sua plenitude ou até mesmo recebendo o impacto dos desvalores correspondentes, os indivíduos passam a tentar participar da ordem, disputar o poder ou participar da cooperação. Há toda uma dinâmica que atravessa este complexo de valores e desvalores, que permite ao investigador social utilizá-lo para compreender melhor a dinâmica do próprio comportamento humano.

A concepção de norma de Cossio é muito próxima daquela da Etnometodologia, principalmente daquela de Cicourel, quando este se refere às "basic Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

norms" e "surface norms". Para Cóssio a norma é um juízo de dever ser e não um imperativo. Trabalha também com o conceito de liberdade e sugere a necessidade do indivíduo abrir espaços para libertar sua criatividade ou suas potencialidades, a fim de que participe ativamente da ação social.

De posse de todo este aparato teórico/metodológico o cientista social pode analisar a realidade social munido de um instrumental que possibilita uma visão mais abrangente, na medida em que o compromisso com uma análise que implica em uma perspectiva interativa, uma perspectiva interior, não amarra o pesquisador, porque não o impede de utilizar outros recursos que estejam ao seu alcance e que sejam adequados à captação do fenômeno em questão.

Há hoje uma tendência muito forte em procurar relacionar as Sociologias de inspiração fenomenológica com o marxismo. É verdade que existem diferenças marcantes entre os dois enfoques pois, enquanto a Fenomenologia toma o significado da ação e a interpretação que o ator faz desta ação como dados importantes, o marxismo está voltado para a natureza da estrutura econômica das sociedades e os seus efeitos sobre outras estruturas sociais. Mas, tanto as Sociologias "criativas" como o marxismo estão preocupados com as relações existentes entre existência e consciência; em ambos os enfoques há uma preocupação com o problema da aparência e da essência. A maneira de perceber as estruturas sociais como em constante mudança, em um constante processo de construção da realidade está também presente nos dois enfoques. Também se aproximam quando asseguram que os seres humanos só assumem plenamente sua condição humana quando entram em relação com os outros. Ambos admitem que o mundo social é um mundo intersubjetivo e que os indivíduos, dentro deste mundo, interpretam as ações com base no estoque de conhecimento que eles portam com eles mesmos, em cada situação.

É a partir deste aparato metodológico que se pode entender o processo de construção da realidade, no qual os indivíduos transformam as situações, transformam-se eles próprios e também a estrutura social.

O importante, portanto, é ter o discurso do participante da ação como uma peça relevante para a análise. Em seguida este discurso pode ser posto em uma moldura teórica para, finalmente, ser submetido, se for o caso, a uma interpretação. Este posicionamento das Sociologias "alternativas" permite a compreensão das relações entre indivíduos e sociedade, evita uma interpretação mecanicista e determinista, pois exhibe as circunstâncias empíricas que participam da construção das situações. Permite que se analise a dinâmica das mudanças ocorridas nas estruturas, sem um afastamento de sua dinâmica interna.

NOTAS

1 O texto foi retirado de "O Itinerário do desvio", de minha autoria, com base nas proporções de Berger e Luckmann. Algumas das considerações feitas no curso deste trabalho são também baseados em "O Itinerário do desvio".

2 BRUYN, Severyn. La perspectiva humana em Sociologia. Buenos Aires, Amorrortu, 1972. p.303.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAUMAN, Zigmunt. On the philosophical Status of Ethnomethodology New approaches in Sociology. Vol. 21 number 1, february 1973, p. 5 - 23.
- _____. Por uma Sociologia Crítica. Rio de Janeiro. Zahar, 1977.
- BERGER, Peter. Perspectivas Sociológicas. Petrópolis, Vozes, 1972.
- _____. e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis, Vozes, 1974.
- BLUMER, Herbert. The methodological position of symbolic interactionism Man and Society. New York, Prentice Hall, 1937.
- BOTTMORE, Tom e NISBET, Robert. História da análise sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- BRAGA, Célia Maria Leal. "O Itinerário do desvio". São Paulo, USP, 1981, (mimeografado).
- BRUYN, Severyn. La perspectiva humana em Sociologia. Buenos Aires, Amorrortu, 1972.
- CICOUREL, Aaron V. Method and measurement in Sociology. New York, The Free Press, 1964.

- COSSIO, Carlos. La teoría Ecológica del derecho y el concepto jurídico de libertad. Buenos Aires, Abeledo Perrot, 1964.
- DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia? Rio de Janeiro, El dorado, 1973.
- DOUGLAS, Jack. Understanding every-day life. Chicago, Aldine, 1970.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1977.
- _____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- GARFINKEL, Harold. Studies in Ethnomethodology. New Jersey. Prentice-Hall, 1967.
- GIDDENS, Anthony. Novas regras do método sociológico. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GIDLOW, Bob. Ethnomethodology a new name for old practices. British Journal of Sociology. 23 (4), Dec. 1972.
- GOFFMAN, Erving. Ritual de la interacción. Buenos Aires, Tiempo Contemporaneo, 1970.
- _____. Manicômios prisões e conventos. São Paulo, Perspectivas, 1974.
- _____. Estigma. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- _____. A Representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, 1976.
- GORMAN, Robert A. A visão dual. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- GUIMARÃES, Alba Zahar. Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- LAUER, Robert & HANDEL, Warren. The theory and application of Symbolic Interactionism. New Jersey, Houghton Mafflin, 1977.
- LUCKMANN, Thomas. Phenomenology and Sociology. Tennessee, Penguin, 1978.
- MAYRL, William. Ethnomethodology: Sociology without Society. Catalyst. vol. 7, 1973.
- MAGEE, Bryan. As idéias de Popper. São Paulo, EDUSP, 1974.
- MEAD, George. Espiritu, persona y sociedad. Buenos Aires, Paídos, 1972.
- MEHAM, Hugh e Wood Houston. The reality of Ethnomethodology. New York, Wiley, Interscience Publication, 1975.
- PIVCEVIC, Edo. Can there be a phenomenological Sociology. The journal of the British Sociological association. 6 (3), sept., 1972.
- POPPER, Karl. Conhecimento objetivo. São paulo, EDUSP, 1975.
- ROPERS, Richard. Mead, Marx, and Social Psychology. Catalyst. vol. V, number 7, Winter 1973. p. 41-61.
- Universitas.Cultura. Salvador, (33): 21-40, jul./set. 1985

- SALLACH, David. Class consciousness and the everyday world in the work of Marx and Schutz. The Insurgent Sociologist. 3, 1973.
- SCHUTZ, Alfred. El problema de la realidad social. Buenos Aires, Amorrortu, 1974.
- _____. Estudios sobre teoría social. Buenos Aires, Amorrortu, 1974.
- _____. e LUCKMANN, Thomas. Las estructuras del mundo de la vida. Buenos Aires, Amorrortu, 1977.
- SHEARING, C. D. Towards a phenomenological Sociology. Catalyst. 7, 1973.
- SMART, Barry. Sociologia, Fenomenologia e análise marxista. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- SMITH, Dusky Lee. Symbolic Interactionism. Catalyst. 5 (7), Winter, 1973.
- SZASZ, Thomas. Ideologia e doença mental. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- SZILAST, Wilhelm. Introducción a la fenomenologia de Husserl. Buenos Aires, Amorrortu, 1973.
- TILLEY, Nicolas. Popper, positivism and ethnomethodology. British Journal of Sociology. 31 (1): 28-45, march, 1980.
- WAGNER, Helmut R. (org.) Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. Madrid, Castilla, 1973.

SUMMARY

This article represents, at first, an analysis of the contraposition we can see between the methodological positions of Positivism and Comprehensive Sociology. Secondly, there is an specific direction to the position of Sociologies which are called "alternatives", where we try to study some of the most important contributions of the Comprehensive Sociology, especially of Symbolic Interactionism and Ethnomethodology.

Method is here understood as the way by which the investigation proceeds and as a departure point of theory which goal is the capture of social reality. By this way the investigator can use the best techniques to answer the purposes of theory.